

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 102

Data: 19.02.74

Pg.: _____

Waimiri-atroaris impedem construção da Caracarai — Manaus

BRASILIA (O GLOBO) — Na reunião que tiveram sexta-feira à noite com o sertanista Gilberto Pinto, os índios waimiri-atroaris reafirmaram que não permitirão o prosseguimento das obras de construção da rodovia Manaus-Caracarai, nas imediações de sua aldeia.

Apesar de ter fracassado a tentativa de um acordo com os índios, para que as obras sejam reiniciadas, a Fundação Nacional do Índio informou que a situação, na região, é de "aparente calma".

Na manhã de ontem, quando Gilberto Pinto caminhava na selva, de volta ao subposto Alalau, encontrou cinco índios, que estavam acompanhados das mulheres e de crianças e lhe pediram, por gestos, presentes e comidas. Em seguida se retiraram sem nenhum ato de hostilidade.

Funcionários da Funai lembraram que em janeiro do ano passado, a situação era parecida com a de agora: após um mês sem contato com os brancos, os waimiri-atroaris chegaram ao subposto e pediram

presentes e comidas. Na noite seguinte chacinaram três funcionários da Funai.

Em setembro do ano passado, Gilberto Pinto conseguiu novo contato com os índios, que se afastaram novamente assim que começou a construção de uma ponte sobre o rio Alalau, em outubro. Os waimiri-atroaris, que atacaram um acampamento da construtora Lasa, só agora voltaram a manter contato com o sertanista.

Em comunicado à Funai, Gilberto Pinto informou que não parece haver perigo na região, habitada por cerca de três mil waimiri-atroaris, dos quais só uns mil, aproximadamente, mantêm contatos esporádicos com o pessoal da Funai.

Alguns sertanistas revelaram que Gilberto Pinto, de comportamento muito cauteloso, nada informaria sobre um iminente ataque dos índios, ainda mais que só ele teria condições de contornar qualquer problema difícil.

Funai desmente luta e diz que os atroaris já concordam com rodovia

JB 19/02/74

Manaus, Brasília (Correspondente e Sucursal) — O sertanista Gilberto Figueiredo — que há 20 anos convive com os índios, pelos quais é chamado de *Paizinho* — conseguiu convencer os waimiris-atroaris a permitirem a passagem, por seu território, dos trabalhadores que constroem a Estrada Manaus-Caracarai.

Essa, pelo menos, foi a informação divulgada ontem pela Delegacia Regional da Funai em Manaus, que atribui a um pedido de medicamentos do sertanista a série de boatos sobre uma suposta guerra. Em Brasília, a Superintendência da Funai também desmentiu as notícias sobre outra sublevação dos waimiri-atroari.

Paz e ordem

Os boatos em torno de uma possível repetição do massacre de janeiro do ano passado, quando três trabalhadores foram mortos, levaram parentes de operários do DNER — encarregados da abertura da Rodovia, juntamente com militares do 6º Batalhão de Engenharia e Construção — à sede da delegacia da Funai, em busca de informações.

Em Brasília, o Superintendente da Funai, General Ismarth Oliveira, exibiu um telex despachado pela delegacia regional de Manaus, informando que o sertanista Gilberto Figueiredo encontra-se no subposto de Alalau — "onde tudo está em ordem e na mais perfeita paz" — e atribuindo a paralisação dos trabalhos da Rodovia "às chuvas torrenciais que fizeram o rio Negro subir assustadoramente".

Bandeira branca

Ao noticiar em Manaus o acordo entre o sertanista e os índios, o delegado regional da Funai, General Antônio Coutinho, parece ter admitido o clima de tensão ao observar que "os índios destruíram a bandeira branca". Observou que "não há nenhuma ameaça iminente dos índios" e que a viagem de Gilberto ao rio Alalau "é de rotina".

Segundo a Funai, o sertanista pediu sexta-feira, às pressas, material de caça e pesca e também medicamentos. Informou-se que três médicos da Cruz Vermelha alemã também seguirão para a região. O grupo encontra-se no Amazonas para realizar uma série de estudos e pesquisas sobre tipos de doenças que proliferam entre os índios, especialmente a tuberculose. Os médicos não concordaram em se identificar mas um deles explicou que, por onde o grupo passa, realiza "tratamento profilático" e que a tuberculose é a doença que mais ataca os índios.

Os médicos pretendem prosseguir seu trabalho na região do rio Purus, junto às tribos marubo e suruí.

Ódio histórico

Após o início da Caracarai-Manaus, que penetra nas terras dos waimiris-atroari, tornam-se frequentes as notícias de violências desses índios, mas as informações têm sido sempre contraditórias — e invariavelmente acabam desmentidas pela Funai.

A aversão dos waimiri ao branco, que eles consideram falso e permanente invasor de suas terras, é histórica. Eles são responsáveis pela destruição de cidades brancas. E no início do século passado promoveram um massacre de grandes proporções, arrasando a cidade de Moura, no Amazonas.

A partir daí, os waimiri passaram a viver em constante nomadismo, para fugir à perseguição do branco. Nestes últimos 30 anos, os waimiri atroari dizimaram cerca de 14 expedições — científicas ou não — que se atreveram a devassar o seu território, entre elas a famosa expedição do padre Calleri. Foram ainda eles que, no ano de 1972, atacaram o posto da Funai, no Alalau, matando seus três funcionários.

Iniciada a construção da Estrada Manaus-Caracarai, a grande preocupação dos índios é com a ponte sobre o rio Alalau. Eles acham que ela vai estrangular o rio, dificultando ou impedindo a pesca, base de subsistência do grupo. A estrada iria também comprimir o "caminho da caça", isolando-os do posto da Funai, que é a sua fronteira natural.

Apesar do desmentido de ontem da Funai, técnicos indigenistas em Brasília afirmaram que "aparentemente, a situação é difícil, porque os waimiri não costumam ceder." Alguns chegam a afirmar que a "ordem e a paz encontradas em Alalau não querem dizer muito, ou querem dizer tudo, e fazem parte de sua estratégia."

O massacre de 72, do posto da Funai, obedeceu a um estratagema parecido. Os índios confraternizaram por três dias com os brancos e, depois de grandes almoços, muitos abraços e trocas de brindes, mataram traiçoeiramente os funcionários. A estratégia — dizem os antropólogos — foi herdada dos próprios civilizados.